



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE GESTÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

JOHN KENNEDY DA SILVA NASCIMENTO

**O POTENCIAL DAS DIETAS VEGETARIANAS PARA A SUSTENTABILIDADE:** Um  
estudo com estudantes da UFPE - CAA

Caruaru

2025

JOHN KENNEDY DA SILVA NASCIMENTO

**O POTENCIAL DAS DIETAS VEGETARIANAS PARA A SUSTENTABILIDADE: Um estudo com estudantes da UFPE - CAA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Administração, do Campus do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, na modalidade monografia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração.

**Área de concentração:** Gestão Sustentável

**Orientadora:** Daniella Ramos da Silva

Caruaru

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, John Kennedy da Silva.

O potencial das dietas vegetarianas para a sustentabilidade: um estudo com estudantes da UFPE - CAA / John Kennedy da Silva Nascimento. - Caruaru, 2025.

51 p.

Orientador(a): Daniella Ramos da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Administração, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. sustentabilidade. 2. dietas vegetarianas. 3. estudantes universitários. I. Silva, Daniella Ramos da. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

JOHN KENNEDY DA SILVA NASCIMENTO

**O POTENCIAL DAS DIETAS VEGETARIANAS PARA A SUSTENTABILIDADE: Um estudo com estudantes da UFPE - CAA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Administração, do Campus do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, na modalidade monografia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Aprovado em: 04/04/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Daniella Ramos da Silva (Orientadora)  
Centro Acadêmico do Agreste (CAA)/UFPE

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Marcia Batista Almeida Pereira (Examinadora Interna)  
Centro Acadêmico do Agreste (CAA)/UFPE

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Lizandra Kelly de Araujo Santana (Examinadora Interna)  
Centro Acadêmico do Agreste (CAA)/UFPE

Dedico este trabalho à minha avó, Edilene, que chorou de felicidade ao saber que entrei na Universidade, mas não está mais aqui para ver a conclusão deste momento, deixando uma saudade enorme no meu coração. Dedico também à minha mãe, Nazarena, que não faz ideia do que está acontecendo, mas sempre me dá suporte quando preciso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a mim pelo esforço para me tornar um alguém que eu nem sabia que queria ser. Agradeço à minha mãe, Nazarena, por todo o suporte e força, as pessoas da minha família que contribuíram de alguma forma para que eu tivesse esta oportunidade e, também, as minhas gatas que sempre foram minha família e nunca me deixam sozinho. Agradeço a todos os colegas de turma, especialmente Belissa Cabral, Rebeca da Hora, Samara Souza e Anoelino José, que sempre pude contar com o apoio deles, e, também, colegas de outros cursos que me inspiraram a ser extraordinário igual a eles. Agradeço aos amigos que encontrei e me deram forças para ser quem sou, para continuar nos dias difíceis e que me abraçaram nos dias que mais precisei. Agradeço à minha orientadora, Dra. Daniella Ramos, por toda a ajuda e competência para a realização deste trabalho. Agradeço a todos os professores que deixaram uma marca positiva na minha trajetória acadêmica. Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, seja com incentivos ou apoio, foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

## RESUMO

A sustentabilidade é um conceito que surgiu há mais de 400 anos e continua sendo pauta por visar o equilíbrio econômico, social e ambiental. As preocupações crescentes relacionadas ao meio ambiente geraram debates sobre a relação entre alimentação e sustentabilidade. Esta pesquisa qualitativa se utilizou de um formulário semi estruturado virtual para coleta do *corpus* para compreender como os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade que dietas vegetarianas têm de contribuir com a sustentabilidade. A análise revelou motivações diversas para a adoção de práticas alimentares sustentáveis, entre algumas delas, se apresentam os aspectos socioculturais e o acesso à informações. As percepções relacionadas aos impactos ambientais e o consumo de carne se mostraram variadas, indicando a necessidade de acesso à informações sobre o tema. Além disso, os estudantes destacaram que a Universidade poderia contribuir mais para a promoção deste debate no âmbito acadêmico. Conclui-se que a discussão e o acesso à informações sobre o tema têm impacto nas percepções dos estudantes, porém destaca-se a necessidade de incentivos para adoção de uma alimentação sustentável.

**Palavras-chave:** sustentabilidade; dietas vegetarianas; estudantes universitários.

## ABSTRACT

Sustainability is a concept that emerged over 400 years ago and still remains as a topic for its intention to keep an economic, social and environmental balance. The growing concerns related to the environment have generated debates about the relationship between food and sustainability. This qualitative research used a semi-structured virtual questionnaire to collect the *corpus* to understand how UFPE - CAA students perceive the capability of vegetarian diets to contribute to sustainability. The analysis revealed diverse motivations for adopting sustainable eating practices, among them, sociocultural aspects and access to information. The perceptions related to environmental impacts and meat consumption were varied, indicating the need for access to information on the subject. In addition, students highlighted that the University could contribute more to promoting this debate in the academic environment. It is concluded that the discussion and the access to information on the subject have an impact on students's perceptions, but the need for incentives to adopt a sustainable diet is highlighted.

**Keywords:** sustainability; vegetarian diets; university students.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIEC	Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
a.C.	Antes de Cristo
AR5	Quinto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
CAA	Centro Acadêmico do Agreste
CFC	Clorofluorcarboneto
CH <sub>4</sub>	Metano
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CO <sub>2</sub>	Dióxido de Carbono
CO <sub>2</sub> eq	Dióxido de Carbono Equivalente
CO <sub>2</sub> e/kg	Dióxido de Carbono Equivalente por Quilograma
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
COVID-19	Doença do Coronavírus 2019
EaD	Educação a Distância
et al.	E outros
etc.	E outras coisas
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
g	Gramas
gCO <sub>2</sub>	Gramas de Dióxido de Carbono
gCO <sub>2</sub> eq	Gramas de Dióxido de Carbono Equivalente
GEEs	Gases de Efeito Estufa
GtCO <sub>2</sub> e	Gigatoneladas de Dióxido de Carbono Equivalente
GWP	Potencial de Aquecimento Global
H <sub>2</sub> O	Água
HFC	Hidrofluorcarboneto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISO	Organização Internacional de Normalização

IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza
JUMA	Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas
kg	Quilograma
MEC	Ministério da Educação
MtCO <sub>2</sub> eq	Megatoneladas de Dióxido de Carbono Equivalente
N <sub>2</sub> O	Óxido Nitroso
NBR	Normas Técnicas Brasileiras
O <sub>3</sub>	Ozônio
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PFC	Perfluorcarboneto
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
SEEG	Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa
SF <sub>6</sub>	Hexafluoreto de Enxofre
SVB	Sociedade Vegetariana Brasileira
t	Tonelada
US\$	Dólar dos Estados Unidos

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1</b>	<b>Contextualização do Tema e Problema de Pesquisa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2</b>	<b>Delimitação da Pesquisa.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>14</b>
1.3.1	Objetivo geral.....	14
1.3.2	Objetivos específicos.....	14
<b>1.4</b>	<b>Justificativa.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Agenda 2030 e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - (ODS).....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Impacto Ambiental e Emissões de Gases de Efeito Estufa.....</b>	<b>22</b>
<b>2.4</b>	<b>Pecuária, Dietas Vegetarianas e Estudantes Universitários.....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1</b>	<b>Construção do Corpus de Pesquisa.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2</b>	<b>Coleta do Corpus.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3</b>	<b>Categorização e Análise do Corpus.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1</b>	<b>Motivações das Escolhas Alimentares.....</b>	<b>33</b>
<b>4.2</b>	<b>Conhecimento Ambiental.....</b>	<b>34</b>

<b>4.3</b>	<b>Discussão na Universidade.....</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
	<b>APÊNDICE A - PERGUNTAS DO FORMULÁRIO SEMI ESTRUTURADO.....</b>	<b>47</b>
	<b>APÊNDICE B – TRECHOS DAS RESPOSTAS E CATEGORIAS.....</b>	<b>49</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização do Tema e Problema de Pesquisa

A alimentação vegetariana remonta à Grécia Clássica, sendo adotada por razões religiosas, de saúde e filosóficas. No século VI a.C., Pitágoras de Samos considerava o direito dos animais de viver, fundamentando-se na crença da transmigração das almas, segundo a qual o espírito humano poderia reencarnar em um animal. Durante a Idade Média, essa crença foi considerada heresia, mas, no Renascimento, por volta do século XVI, as crenças de que as pessoas precisavam ter consideração moral para com os animais voltou a ganhar força (Silva *et al.*, 2015).

No Brasil, as primeiras manifestações organizadas do vegetarianismo ocorreram no início do século XX. Braga (2018, p. 663) aponta que “[...] em 1913, fundou-se a Sociedade Naturista Brasileira, no Rio de Janeiro, cuja sede se localizava na rua do Ouvidor, número 22”. Apesar do declínio da Sociedade Vegetariana na década de 1930, conforme apontado por Esteves (2024), o movimento e seus ideais continuaram a influenciar práticas alimentares no país.

Além dos aspectos éticos, sociais e de saúde enfatizados pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), o vegetarianismo também desempenha um papel relevante na preservação do meio ambiente. A conexão entre alimentação e sustentabilidade torna-se evidente quando se considera a definição da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991), que caracteriza o desenvolvimento sustentável como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as futuras gerações. Assim, a adoção de uma alimentação vegetariana busca minimizar os impactos ambientais.

A Resolução nº 1 do CONAMA (1986) conceitua impacto ambiental como qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente que afete direta ou indiretamente a saúde, a segurança e o bem-estar da população, além de influenciar as atividades sociais e econômicas, a biota, as condições estéticas e sanitárias e a qualidade dos recursos ambientais. Dentro desse contexto, as operações da agropecuária causam impactos ambientais relacionados ao ciclo hidrológico, ao clima e à qualidade dos recursos naturais (Sambuichi *et al.*, 2012). Um dos maiores problemas ambientais enfrentados pela humanidade são as emissões de GEEs (Gases de Efeito Estufa) que causam o aquecimento global. O relatório SEEG (2023) aponta que em 2022 as emissões do setor agropecuário foram de 617,2 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente, evidenciando sua expressiva contribuição para as

mudanças climáticas. Assim, a redução do consumo de produtos de origem animal pode representar uma estratégia eficaz para mitigar esses impactos, reforçando a importância do vegetarianismo como alternativa sustentável.

A pegada de carbono é a métrica utilizada para quantificar as emissões de GEEs (CO<sub>2</sub>, CH<sub>4</sub>, N<sub>2</sub>O, HFC, PFC, SF<sub>6</sub>, entre outros), podendo ser causada por atividades ou pelo acúmulo no decorrer do ciclo de vida de produtos (Garzillo *et al.* 2019). De acordo com a NBR ISO 14040 (ABNT, 2009), a avaliação do ciclo de vida de um produto ocorre do berço ao túmulo, abrangendo desde a matéria-prima utilizada até sua produção, uso, tratamento pós-consumo, reciclagem e disposição final.

No contexto da alimentação, a pegada de carbono reflete o impacto ambiental associado à produção dos alimentos consumidos. A pegada de carbono da dieta brasileira é de 4.489 gCO<sub>2</sub> por pessoa por dia (Garzillo *et al.*, 2021). No setor da carne bovina, essas pegadas são ainda mais expressivas, podendo atingir 429 kg de CO<sub>2</sub>e/kg, dependendo do processo produtivo (Instituto Escolhas, 2020). Esses números são preocupantes quando se considera que, em 2022, foram abatidos 42,31 milhões de bovinos (ABIEC, 2023) e que, em 2023, o rebanho de bovinos chegou a quase 239 milhões de cabeças (IBGE). Esse cenário indica o potencial de aumento da pegada de carbono do setor, contribuindo para o aquecimento global e afastando o país dos princípios da sustentabilidade, caso não sejam implementadas intervenções efetivas.

A importância de uma alimentação saudável e sustentável torna-se ainda mais evidente diante do cenário de alto consumo de alimentos ultraprocessados e de baixo valor nutricional no Brasil, especialmente entre jovens universitários (Feitosa *et al.*, 2010; Duarte, Almeida, Martins, 2013; Perez *et al.*, 2016), contrastando com a crescente preocupação com a sustentabilidade entre os mesmos.

Em 2023, 81% dos brasileiros declararam adotar hábitos sustentáveis (CNI, 2023), e 98% dos jovens reconheciam a relevância do meio ambiente (JUMA, 2022). Nesse contexto, os universitários, com sua conscientização sobre sustentabilidade, podem se tornar agentes de mudança. Assim surgem questionamentos sobre a percepção desses estudantes em relação ao papel do vegetarianismo como uma dieta que pode contribuir para a sustentabilidade, considerando que esse estilo alimentar pode reduzir a pegada de carbono e os impactos ambientais associados à produção de alimentos de origem animal.

Frente a esse contexto, formula-se o seguinte problema de pesquisa: Os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade de dietas vegetarianas contribuírem com a sustentabilidade?

## **1.2 Delimitação da Pesquisa**

Dado o amplo universo de estudantes universitários no Brasil, não é possível, dentro do escopo desta pesquisa, investigar a percepção de todos os estudantes sobre o impacto das dietas vegetarianas na sustentabilidade. Por isso, o estudo será realizado com foco nos universitários do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), uma importante instituição de ensino no Agreste pernambucano. O CAA oferece 13 cursos de graduação e conta com 4.147 estudantes com vínculo ativo com a Universidade nos cursos de graduação no período de 2024.2. Essa delimitação permitirá uma análise aprofundada das percepções dos universitários dessa região, considerando suas experiências e contextos específicos. A escolha por esse grupo visa proporcionar uma compreensão mais detalhada das reflexões desses estudantes sobre a relação entre vegetarianismo e sustentabilidade.

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo geral**

Compreender como os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade que dietas vegetarianas têm de contribuir com a sustentabilidade.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

- Discutir as motivações das escolhas alimentares dos estudantes.
- Analisar conhecimento ambiental dos estudantes sobre a relação entre dietas vegetarianas e sustentabilidade.
- Entender como ocorrem as discussões na Universidade sobre a sustentabilidade atrelada às práticas alimentares do ponto de vista dos estudantes.

## **1.4 Justificativa**

A falta de literatura sobre práticas alimentares sustentáveis no ambiente universitário foi um dos motivos que se destacaram para a justificativa desta pesquisa, a escassez se torna

mais evidente após ser delimitada para o Agreste de Pernambuco, deixando clara a necessidade da mesma.

A sustentabilidade vem se mostrando um pilar estratégico para gestão dos negócios e ganhando espaço em discussões a nível global, portanto este estudo visa fornecer dados necessários para ajudar gestores a criarem estratégias na intenção de se tornarem mais eficientes e reforçarem sua eficácia, percebendo o impacto dos aspectos socioculturais no comportamento de jovens adultos no contexto universitário.

Ademais, a pesquisa aborda a esfera social, podendo afetar o bem-estar coletivo e a preservação ambiental, entendendo como o acesso à informações e discussões estão presentes na universidade e como isso influencia a percepção dos profissionais que estão sendo formados e que, conseqüentemente, serão a próxima geração de agentes de mudança, podendo, dessa forma, a universidade desenvolver, através dos achados desta pesquisa, políticas públicas sobre refeições sustentáveis no âmbito acadêmico.

Por fim, a temática se torna uma discussão atual e importante para a formação desses estudantes, pois entendendo como equilibrar a economia, sociedade e meio ambiente, poderão ser profissionais que atuam em suas comunidades e as influenciam de forma positiva para a sustentabilidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável

Segundo Boff (2017), o conceito de sustentabilidade possui mais de 400 anos de história, surgindo no século XVI, em 1560, na Alemanha, através da silvicultura<sup>1</sup>, após ter aumentado a preocupação com o manejo das florestas devido ao uso intensivo ter causado um escasamento da mesma, percebido principalmente pelas potências marítimas da época, como Portugal e Espanha, pois sua madeira era utilizada de formas variadas, desde a construção de casas até como combustível para cozinhar. Entretanto, apenas em 1713, o termo passou a ser utilizado de um ponto de vista estratégico por conta do Capitão Hans Carl von Carlowitz, pois propôs o uso sustentável da madeira, levando os poderes locais a incentivarem o replantio de árvores.

A sustentabilidade apresenta origens na biologia e na economia, a primeira sendo referente à ecologia, que trata da resiliência dos ecossistemas, seja enfrentando a exploração e destruição humana ou desastres naturais; já a segunda, é atrelada ao desenvolvimento e encara a alta produção e consumo, levantando questões sobre a continuidade desse sistema, principalmente quando observa-se o caráter finito dos recursos naturais. Ademais, essas questões econômicas ligadas ao desenvolvimento, fizeram surgir a percepção de uma crise ambiental global, quando, desde a década de 1950, a humanidade enfrentou a poluição nuclear (Nascimento, 2012).

Boff (2017) explica que, em 1970, com a formação do Clube de Roma, foi produzido o relatório *Os Limites do Crescimento*, que gerou discussões e debates sobre a temática, levando a ONU a realizar a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente em Estocolmo em 1972, resultando na criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), logo em 1984, foi realizada mais uma conferência que originou a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, com o relatório da primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundland, o trabalho dessa comissão foi encerrado em 1987, nesse relatório apresenta-se a definição de “desenvolvimento sustentável”, utilizada amplamente na literatura sobre este tema, que significa “aquele que atende as necessidades

---

<sup>1</sup> “A silvicultura é uma ciência dedicada ao estudo de métodos hábeis a promover a implantação e a regeneração dos povoamentos florestais, em função não apenas de interesses econômicos, mas também sociais, culturais e ecológicos” (Valverde *et al.*, 2012, p. 5).

das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações”.

É importante destacar que, ao se tratar da definição de “desenvolvimento sustentável” proposta por Brundland, esse conceito pode ser considerado vago por não explicar quais seriam exatamente as necessidades das gerações atuais e das gerações futuras, mas ganha força ao agregar valores éticos e sociais, visando garantir um compromisso com as próximas gerações e estabelecendo formas de reduzir desigualdades sociais (Nascimento, 2012).

De acordo com Mikhailova (2004), a sustentabilidade é a capacidade de se sustentar, portanto, uma sociedade sustentável visa explorar seus recursos naturais de modo que melhore a qualidade de vida da população, mas que preserve os ecossistemas, evitando o esgotamento desses recursos. Ao dissertar sobre a definição de desenvolvimento sustentável apresentada pelo relatório de Brundland, é afirmado que devido ao uso intensivo desse conceito na literatura, o mesmo perdeu seu rigor, se tornando amplo. Ademais, Mikhailova complementa que a definição mais concreta para este conceito foi expresso na Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, em 2002, que seria “O desenvolvimento sustentável procura a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes do mundo sem aumentar o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra”.

Segundo Nascimento (2012), existem três dimensões da sustentabilidade, são elas: a ambiental, a econômica e a social. A primeira visa que os modelos de produção e consumo respeitem a capacidade de regeneração e desenvolvimento que os ecossistemas necessitam. A segunda propõe um consumo estratégico dos recursos naturais, buscando melhorar a eficiência desse uso e garantir que inovações tecnológicas proporcionem um novo caminho que desvie da utilização de fontes de energias fósseis. A terceira, por sua vez, supõe que para se atingir uma sociedade sustentável são necessários a erradicação da pobreza e padrões de desigualdade aceitáveis. Nascimento (2012) continua explicando que sejam necessárias incluir novas dimensões como a de poder e a de cultura, pois, para realizar as mudanças reivindicadas pelas dimensões ambiental, econômica e social, é preciso levar em consideração conflitos de interesse entre as organizações governamentais, a sociedade civil e as empresas, por esse motivo, as estruturas e decisões políticas, bem como os valores e comportamentos da sociedade, devem acompanhar esse processo.

[Em uma definição integradora para o conceito de sustentabilidade Boff (2017) explica que para chegar a este resultado existem três problemáticas que precisam ser analisadas: a explosão demográfica, os limites da Terra na produção de alimentos e a governança global. No tópico da explosão demográfica, salienta-se o crescimento acelerado da população

mundial, destacando o fato de que em 1802 a humanidade alcançou o primeiro bilhão de pessoas e, em 2011, pouco mais de 200 anos depois, atingiu a marca de 7 bilhões, causando questionamentos sobre a biocapacidade do planeta e se é possível garantir a alimentação destas pessoas. Quando se trata dos limites da Terra na produção de alimentos, argumenta-se, através do contexto histórico da revolução verde, que acabou sendo comprovado que novas tecnologias e um melhor uso das terras seria possível assegurar a demanda alimentar da população, porém, apesar disso, milhões de pessoas continuam em situação de fome devido ao sistema neoliberal e capitalista, além disso, foram causados diversos impactos ambientais como: o envenenamento do solo, contaminação da água, perda de biodiversidade, etc. Em seguida, é ponderada a necessidade de mudança para que surjam novas atitudes em relação à Terra, visando garantir que a alimentação das pessoas não seja um problema, visto que o problema vai além da produção de alimentos de forma que não agrida o meio ambiente, sendo também um embate com o sistema neoliberal e capitalista que rege a economia e a sociedade. Por fim, a governança global, sendo uma forma de reger a população através da união entre autoridades políticas, estados, ONGs e outras, se torna uma necessidade por conta dos problemas econômicos, sociais e ambientais, com o objetivo de garantir os direitos básicos para a humanidade, como: educação, combater a fome e a pobreza, saúde, entre outros.

Logo, após a análise destas três problemáticas, Boff (2017, p. 116) propõe a seguinte definição para o conceito de sustentabilidade, visando ser a mais holística:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (Boff, 2017, p. 116).

A sustentabilidade vem sendo discutida e refletida no decorrer dos últimos séculos, carregando significados para a realidade atual do planeta e sendo debatida sua situação em diversas conferências internacionais que visam criar pactos onde os países membros devem atingir os objetivos e metas estabelecidos para garantir o desenvolvimento sustentável.

## **2.2 Agenda 2030 e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - (ODS)**

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, de acordo com a ONU BRASIL (2025), são “[...] um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente

e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade”. Os dados disponibilizados pela mesma apontam que os recursos disponíveis para a implementação desses objetivos em 2025 no Brasil são de US\$134,6 milhões.

Realizada em Nova York, em setembro de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas, que contou com a participação dos 193 países membros, desenvolveram a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que, segundo sua declaração, em 2015 “[...] é um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Ela também busca fortalecer a paz universal com mais liberdade”.

A Assembleia Geral das Nações Unidas de 2015, não foi a primeira conferência de meio ambiente e desenvolvimento sustentável. A ONU BRASIL (2020) aponta que o primeiro grande marco na área do meio ambiente aconteceu em 1972 com a Conferência de Estocolmo que “[...] estabeleceu as bases para a nova agenda ambiental do Sistema das Nações Unidas”. Em 1992, vinte anos após a Conferência de Estocolmo, ocorre, no Rio de Janeiro, a Cúpula da Terra, onde se desenvolveu a Agenda 21 que buscava ser “[...] um diagrama para a proteção do nosso planeta e seu desenvolvimento sustentável [...]”, também conhecida por ter ido além de questões ambientais, abordando problemas como: a pobreza e padrões de produção e consumo. Logo em 2002, em Johannesburgo, ocorreu a Cúpula Mundial Sobre Desenvolvimento Sustentável, que focou em “[...] fazer um balanço das conquistas, desafios e das novas questões surgidas desde a Cúpula da Terra de 1992”.

Ademais, em 2012, conhecida como Rio +20, de acordo com Silva (2021), os temas desta conferência estavam delimitados para “(i) economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza e (ii) estrutura institucional para a promoção do desenvolvimento sustentável”. Além disso, ocorreu a formulação do seu reconhecido texto, intitulado “O Futuro que Queremos”.

Ainda segundo a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (2015), os 17 ODS e suas 169 metas “[...] se constroem sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” visando garantir os direitos humanos de todos e atingir a igualdade de gênero. Aponta, também, que estes objetivos “[...] são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental”.

O ponto 55 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (2015) disserta sobre os ODS e suas metas que:

Os ODS e metas são integrados e indivisíveis, de natureza global e universalmente aplicáveis, tendo em conta as diferentes realidades, capacidades e níveis de desenvolvimento nacionais e respeitando as políticas e prioridades nacionais. As

metas são definidas como aspiracionais e globais, com cada governo definindo suas próprias metas nacionais, guiados pelo nível global de ambição, mas levando em conta as circunstâncias nacionais. Cada governo também vai decidir como essas metas aspiracionais e globais devem ser incorporadas nos processos, políticas e estratégias nacionais de planejamento. É importante reconhecer o vínculo entre o desenvolvimento sustentável e outros processos relevantes em curso nos campos econômico, social e ambiental (Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, 2015).

De acordo com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (2015) os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são:

- Objetivo 1: Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
- Objetivo 2: Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
- Objetivo 3: Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
- Objetivo 4: Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
- Objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
- Objetivo 6: Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos
- Objetivo 7: Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos
- Objetivo 8: Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos
- Objetivo 9: Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
- Objetivo 10: Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
- Objetivo 11: Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
- Objetivo 12: Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
- Objetivo 13: Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos
- Objetivo 14: Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável

- Objetivo 15: Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
- Objetivo 16: Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
- Objetivo 17: Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

No Brasil, as metas da Agenda 30 para o Desenvolvimento Sustentável foram adaptadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018, p. 9), nesse relatório, é salientado que este processo é necessário para que as metas se adequem “[...] às prioridades do Brasil, considerando as estratégias, planos e programas nacionais e os desafios do país para garantir o desenvolvimento sustentável na próxima década”. Os dados do relatório apontam que 2 das 169 metas foram consideradas não aplicáveis ao Brasil; 39 metas globais foram mantidas na versão original; 128 metas foram alteradas para se adequarem à realidade brasileira; 8 metas nacionais foram adicionadas (IPEA, 2018).

Ao avaliar o progresso das metas dos ODS no Brasil, o Relatório Nacional Voluntário de 2024 (Brasil, 2024) aponta que 14 metas foram alcançadas, evoluiu positivamente em 35 metas, não mostrou evolução em 26 metas, evoluiu negativamente em 23 metas e 71 das metas não tiveram seu progresso avaliado por questões de indisponibilidade de dados ou por apresentar séries irregulares ou curtas. Complementando esses dados, é salientado que a pandemia de COVID-19 impactou de forma negativa o desempenho de 37 metas.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, portanto, estão diretamente relacionados à temática do vegetarianismo e seus impactos éticos, sociais, de saúde e ambientais. Alguns dos ODS mais pertinentes a essa discussão incluem:

- **ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável):** Promove a segurança alimentar e a agricultura sustentável. A adoção de dietas baseadas em vegetais pode contribuir para um sistema alimentar mais eficiente, reduzindo a pressão sobre os recursos naturais e tornando a produção de alimentos mais sustentável.
- **ODS 3 (Saúde e Bem-Estar):** Incentiva estilos de vida saudáveis. Dietas vegetarianas equilibradas estão associadas à redução de doenças crônicas, como obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares.

- **ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis):** Propõe a necessidade de padrões sustentáveis de consumo e produção. A pecuária industrial consome grandes quantidades de água e terra, além de gerar desmatamento e poluição, enquanto dietas baseadas em vegetais podem reduzir esses impactos.
- **ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima):** Visa reduzir as emissões de gases de efeito estufa. A agropecuária é uma das maiores responsáveis pelas emissões de metano e CO<sub>2</sub>, e a diminuição do consumo de carne pode ajudar na mitigação do aquecimento global.
- **ODS 15 (Vida Terrestre):** Relacionado à conservação dos ecossistemas terrestres. A expansão da pecuária é uma das principais causas do desmatamento, especialmente na Amazônia. Uma mudança para dietas com mais vegetais pode reduzir a pressão sobre florestas e biodiversidade.

Dessa forma, o vegetarianismo não é apenas uma escolha individual, mas também uma estratégia que se alinha a diversas metas globais voltadas à sustentabilidade, saúde e equidade.

### **2.3 Impacto Ambiental e Emissões de Gases de Efeito Estufa**

A NBR ISO 14001 (ABNT 2015), que disserta sobre Sistemas de gestão ambiental e Requisitos com orientações para uso, define impacto ambiental como modificações no meio ambiente que geram resultados positivos ou negativos, tendo uma origem integral ou parcial dos aspectos ambientais de uma organização.

A literatura sobre impacto ambiental, por vezes, o define como negativo, porém, como aponta o inciso II do artigo 6º da Resolução do CONAMA (1986, p. 638), os impactos ambientais podem ser “[...] positivos e negativos (benéficos e adversos), diretos e indiretos, imediatos e a médio e longo prazos, temporários e permanentes; seu grau de reversibilidade; suas propriedades cumulativas e sinérgicas; a distribuição do ônus e benefícios sociais”.

As ações humanas têm gerado impactos ambientais negativos em todo o planeta, principalmente sobre o clima, de acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, 2021, p. 7) “[...] a influência humana aqueceu a atmosfera, os oceanos e os continentes. Mudanças rápidas e generalizadas ocorreram na atmosfera, oceanos, criosfera e biosfera.” Essa questão se relaciona ao aquecimento global, que foi definido em glossário disponibilizado pelo IPCC (2021, p. 2232) como o “[...] aumento da temperatura da superfície global em relação a um período de referência de base [...]”. Esse aumento de temperatura da

Terra ocorre devido à emissões de GEEs (Gases de Efeito Estufa) que, conforme aponta o IPCC (2021, p. 2233), são:

[...] constituintes gasosos da atmosfera, tanto naturais quanto antropogênicos, que absorvem e emitem radiação em comprimentos de onda específicos dentro do espectro de radiação emitido pela superfície da Terra, pela própria atmosfera e pelas nuvens. Essa propriedade causa o efeito estufa. Vapor de água (H<sub>2</sub>O), dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), metano (CH<sub>4</sub>) e ozônio (O<sub>3</sub>) são os principais GEE na atmosfera da Terra. GEEs artificiais incluem hexafluoreto de enxofre (SF<sub>6</sub>), hidrofluorcarbonetos (HFCs), clorofluorcarbonetos (CFCs) e perfluorcarbonetos (PFCs); [...] (IPCC, 2021, p. 2233).

O Sumário para Formuladores de Políticas produzido pelo IPCC (2021) indica que a situação atual do clima é preocupante, os seres humanos têm sido causadores dos aumentos nas concentrações de gases de efeito estufa (GEEs) na atmosfera desde 1750, além de problemas relacionados à décadas mais quentes, contribuições no padrão das mudanças de precipitação e o aumento na precipitação associada à ciclones tropicais. Ademais, o aquecimento causou o aumento do nível do mar devido à perda de gelo. É destacado ainda que, no ano de 2019 as concentrações atmosféricas de CO<sub>2</sub> foram as maiores dos últimos 2 milhões de anos e as concentrações de CH<sub>4</sub> e N<sub>2</sub>O foram as maiores dos últimos 800 mil anos. Além disso, problemas relacionados ao derretimento das geleiras, aquecimento dos oceanos e ondas de calor mais frequentes e intensas, também foram expostos.

Para poder quantificar o impacto causado por diferentes gases de efeito estufa, é utilizada uma métrica chamada Potencial de Aquecimento Global (GWP), a mesma é mensurada em um determinado período de tempo, geralmente 100 anos (IPCC, 2007). Garzillo *et al.* (2019, p. 8) complementa sobre o Potencial de Aquecimento Global:

O GWP representa o efeito combinado dos diferentes tempos que cada substância permanece na atmosfera (meia vida) e da eficácia em absorver e liberar ondas infravermelhas (propriedades espectrais). Essa técnica de conversão dos diferentes gases para uma mesma unidade possibilita a soma das massas dos diferentes gases em um único parâmetro (Garzillo *et al.* 2019, p. 8).

Garzillo *et al.* (2019, p. 8) ainda explica que essa medida “[...] é expressa em unidade de massa (g, kg, t), sendo que a massa calculada para cada um dos diferentes gases emitidos é convertida a carbono equivalente (CO<sub>2</sub>eq) usando o fator do potencial de aquecimento global (GWP) de cada gás [...]”. Em consonância com essa explicação, o IPCC (2007) traz dados que mostram que a emissão 1 kg de metano (CH<sub>4</sub>) e 1 kg de óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), por exemplo,

geram o mesmo Potencial de Aquecimento Global (GWP) que emitir 25 kg e 298 kg, respectivamente, de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>eq) no período de 100 anos.

Segundo relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em 2023, as emissões globais de gases de efeito estufa atingiram um novo recorde de 57,1 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>eq, esse dado demonstrou um aumento 1,3% equiparado aos números de 2022, tendo uma taxa de crescimento maior que à da década que precedeu a pandemia de Covid-19 (2010 a 2019), que era uma de 0,8%.

No cenário brasileiro, de acordo com o Relatório SEEG (2024), em 2023, as emissões brutas de GEEs foram de 2,3 bilhões de toneladas de dióxido de carbono equivalente (GtCO<sub>2</sub>e) com medidas em GWP em 100 anos, representando uma redução de 12% em comparação à 2022, que contabilizou 2,6 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>eq. No setor da agropecuária, o Relatório SEEG (2024, p. 13) contabilizou as seguintes emissões:

No setor de agropecuária são contabilizadas as emissões provenientes da fermentação entérica (o popular “arroto” do boi), nome dado à digestão de celulose no estômago de animais ruminantes, que emite metano; do tratamento e da disposição que os dejetos do rebanho recebem; do cultivo de arroz irrigado; da queima dos resíduos agrícolas do cultivo de cana-de-açúcar e algodão; e do manejo dos solos agrícolas, considerando o incremento de nitrogênio via utilização de insumos, operações agrícolas e uso de calcário (solos manejados) (SEEG, 2024, p. 13).

Em 2023 as emissões do setor da agropecuária foram mais altas pelo quarto ano consecutivo, com um total de 631,2 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente (GWP AR5). É apontado, também, que a principal causa do aumento das emissões em 2023, foi o crescimento do rebanho bovino e que o gado de corte (rebanho para produção de carne) foi a maior fonte emissora de GEEs do setor, com um quantitativo de 417,6 MtCO<sub>2</sub>eq. Ao serem estratificados, os dados apontam que a agricultura representa 20% desse quantitativo e a pecuária 80%, sendo 127,6 MtCO<sub>2</sub>eq e 503,5 MtCO<sub>2</sub>eq, respectivamente. Sua maior emissão é proveniente da fermentação entérica, atingindo o percentual de 64,2%, ou seja, 405,1 MtCO<sub>2</sub>eq. Além disso, é destacado que o Mato Grosso lidera com maior quantitativo de emissões entre os estados brasileiros (92,4 MtCO<sub>2</sub>eq), posição ocupada desde 2003 e sendo justificada por ter o maior rebanho de bovinos do país, representando 14% do rebanho nacional, atingindo, em 2023, a marca de mais de 34 milhões de cabeças (SEEG, 2024).

Além da fermentação entérica, outro fator importante que contribui para o aumento nas emissões de gases de efeito estufa é a mudança no uso da terra. O MapBiomas (2024) aponta que, entre 1985 e 2023, a área de pastagem cresceu em 363% e que a agropecuária cresceu 417% nos últimos 39 anos. O SEEG (2024) aponta que em 2023, as mudanças no uso

de terra representaram a emissão de 1,06 bilhão de toneladas brutas de CO<sub>2</sub> equivalente, 98% vindo do desmatamento (1,04 bilhão de toneladas de CO<sub>2</sub>eq), entre os biomas afetados por esse desmatamento estão: a Amazônia (678 milhões de toneladas), o Cerrado (202 milhões de toneladas), a Mata Atlântica (74 milhões de toneladas), a Caatinga (60 milhões de toneladas), o Pantanal (16 milhões de toneladas) e o Pampa (10 milhões de toneladas). Ademais, as atividades agropecuárias podem representar 74% da poluição climática no Brasil se levar em consideração a soma das emissões por desmatamento e de mudanças no uso de terra para produção agropecuária e as do setor agropecuário.

De acordo com o SEEG (2023), ao delimitar os números de emissões de gases de efeito estufa para o estado de Pernambuco, suas emissões brutas em 2023 totalizam 26,6 MtCO<sub>2</sub>eq, desse total as emissões referentes a Mudança de uso da terra e floresta representam 25% (6,66 MtCO<sub>2</sub>eq) e a Agropecuária representa 30% (8 MtCO<sub>2</sub>eq).

A relação entre as emissões de gases de efeito estufa e a agropecuária evidencia a necessidade de repensar os padrões de produção e consumo alimentar, especialmente considerando a contribuição da pecuária para o aquecimento global. A predominância das emissões oriundas da fermentação entérica e das mudanças no uso da terra reforça o impacto ambiental do modelo atual de produção de carne bovina, tornando essencial a busca por alternativas mais sustentáveis. Nesse contexto, dietas baseadas em vegetais surgem como uma estratégia viável para a redução das emissões, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

Nesse contexto, a relação entre alimentação e sustentabilidade se torna um campo fértil para debates, especialmente no ambiente acadêmico, onde estudantes são frequentemente expostos a novas perspectivas e reflexões críticas. Assim, compreender os hábitos alimentares desse público e sua percepção sobre a sustentabilidade é essencial para avaliar a viabilidade e os desafios da adoção de dietas vegetarianas no contexto universitário.

## **2.4 Pecuária, Dietas Vegetarianas e Estudantes Universitários**

É apontado no relatório “A grande sombra da pecuária” (Livestock’s long shadow), produzido pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO, 2006), que o setor da pecuária é um dos principais causadores de problemas ambientais, gerando impactos na degradação do solo, nas mudanças climáticas e na poluição do ar, na poluição e no esgotamento da água e na perda de biodiversidade.

Ao se tratar da degradação do solo, o relatório da FAO (2006) destaca que a área designada para produção de gado representa 70% da terra destinada para a agricultura e 30% da superfície terrestre. Outro quantitativo destacado é que aproximadamente 20% das pastagens do mundo foram degradadas devido ao superpastoreio, pela compactação e pela erosão causadas pela pecuária.

Dissertando sobre as mudanças climáticas e a poluição do ar, a FAO (2006) destaca que a pecuária é responsável por 9% das emissões antropogênicas de CO<sub>2</sub>, além disso, esse setor é responsável por 37%, 65% e 64% das emissões antropogênicas de metano, óxido nitroso e amônia, respectivamente, este último contribui para chuvas ácidas.

Sobre os impactos do setor pecuário em relação a água, a FAO (2006, p. xxii) diz:

O setor pecuário é um ator chave no aumento da utilização da água, sendo responsável por mais de 8 por cento da utilização humana mundial de água, usada principalmente para a irrigação de culturas forrageiras. É provavelmente a maior fonte setorial de poluição de água, contribuindo para a eutrofização, zonas “mortas” nas áreas costeiras, degradação dos recifes de corais, problemas de saúde humana, surgimento de resistência aos antibióticos e muitos outros. As principais fontes de poluição são provenientes de resíduos dos animais, antibióticos e hormônios, produtos químicos provenientes de curtumes, fertilizantes e pesticidas utilizados nas culturas forrageiras e sedimentos provenientes de pastagens erodidas (FAO, 2006, p. xxii).

Igualmente, ao observar a questão da biodiversidade, a FAO (2006, p. xxiii) diz que:

De fato, o setor pecuário pode ser o ator principal na redução de biodiversidade, uma vez que é o principal responsável pelo desmatamento, bem como um dos principais responsáveis pela degradação do solo, poluição, mudanças climáticas, pesca excessiva, sedimentação de áreas costeiras e facilitação de invasões por espécies exóticas (FAO, 2006, p. xxiii).

Ainda complementa sobre a perda de biodiversidade:

A Conservação Internacional identificou 35 hotspots globais para biodiversidade, caracterizados por níveis excepcionais de endemismo vegetal e níveis graves de perda de habitat. Destes, 23 foram reportados por estarem afetados pela produção pecuária. Uma análise da Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) mostra que a maioria das espécies ameaçadas do mundo estão sofrendo perda de habitat onde o gado é um fator (FAO, 2006, p. xxiii).

A indústria pecuária tem sido um dos principais causadores de problemas ambientais no mundo e, por outro lado, o meio ambiente tem sido um dos pilares motivadores para a adesão de dietas vegetarianas. O Estatuto da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) define o

vegetarianismo como “o regime alimentar que exclui os produtos de origem animal”, também aponta “variações de interpretação do termo por causa do dinamismo da linguagem”.

Em pesquisa encomendada pela SVB (2018) para o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), foram revelados dados de que 14% dos brasileiros se declaram vegetarianos e que 55% dos brasileiros consumiriam mais produtos veganos se estivessem indicados nas embalagens.

No livro *Pegadas dos Alimentos e das Preparações Culinárias Consumidos no Brasil*, Garzillo *et al.* (2019) traz dados sobre as pegadas de carbono, hídrica e ecológica dos alimentos, sendo descritas a cada 100g de alimentos e incluindo suas preparações culinárias. Focando nas pegadas de carbono, percebe-se como as carnes possuem pegadas superiores ao serem comparadas com cereais e leguminosas, hortaliças tuberosas e frutas. Por exemplo: a cada 100 gramas de arroz (polido, parboilizado, agulha, agulhinha etc.), são produzidos 106 gCO<sub>2</sub>eq; a cada 100 gramas de feijão (preto, mulatinho, roxo, rosinha etc.), são produzidos 35 gCO<sub>2</sub>eq; já a cada 100 gramas de carne bovina cozida, são produzidos 4.215 gCO<sub>2</sub>eq.

O embate entre o consumo de carne e dietas vegetarianas e a crescente preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade vêm mostrando como a alimentação, de acordo com Azevedo (2017, p. 277), pode ser fomentadora de discussões diversas:

Seja como objeto de análise de fenômenos como a globalização e o poder; investigação de fases evolutivas e processos civilizatórios da sociedade humana; pilar de organização social; ativismo e instrumento de resistência a processos colonialistas; item de informação ou código capaz de gerar diferentes mensagens; potencial simbólico estrutural ou estruturante; construtora de identidades, gêneros e etnias; estratégia de prazer e lubrificação de interações sociais; fomentadora de intolerâncias e divisões sociais; mantenedora de vida ou promotora de problemas de saúde, controvérsias científicas, questionamentos éticos, angústias e riscos socioambientais, a alimentação configura-se como um objeto legítimo de análise social e de compreensão das premissas implícitas do viver em sociedade (Azevedo, 2017, p. 277).

Em seu estudo Bogado e Freitas (2016, p. 685) apontam como o ato de comer está conectado ao meio social, até mesmo a mudança para dietas vegetarianas, “[...] trata-se de uma escolha que se fortalece no contato com outros vegetarianos pertencentes a espaços de sociabilização, que não o familiar, como, por exemplo, a universidade ou o âmbito laboral”. Continuam explicando que, nos seus achados, foi observado como a memória das práticas alimentares foi eficaz em aproximar seu grupo focal (estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) dos aspectos socioculturais presentes na alimentação.

Os jovens e estudantes têm sido um foco de pesquisas sobre a sustentabilidade. Em seu estudo entre dois cursos superiores luso-brasileiros, Costa (2021) indica a necessidade de

propiciar o acesso à informações sobre o processo produtivo e de consumo dos alimentos. O cenário exposto através da pesquisa JUMA (2022), aponta que 80% dos jovens utilizam os espaços de escolas e universidades para conversarem sobre o meio ambiente e indicam as universidades como agente de preservação, como é descrito no relatório da pesquisa JUMA (2022, p. 63) “Considerando que jovens demandam espaços para falar sobre a pauta ambiental, todas as instituições de ensino poderiam ser vistas como relevantes para promover o cuidado, o conhecimento e encontrar soluções para os desafios antigos e novos”.

Em pesquisa realizada por Cavalcanti *et al.* (2020) com estudantes de Administração da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), constatou-se que os discentes apresentaram pouca preocupação ambiental em seus hábitos de compra, porém, a pesquisa de SANTOS *et al.* (2020), realizada, também, com estudantes de Administração da UFPE CAA, salienta que os alunos acreditam que as disciplinas cursadas não foram capazes de ajudá-los no desenvolvimento de aptidões para a proteção do meio ambiente, valores ou motivações para solucionarem problemas socioambientais, mas, apesar disso, julgam importante a sustentabilidade para tomadas de decisões.

Barbieri (2004, p. 933) explica que empresas são parte dos problemas ambientais, por conta da “utilização de recursos do meio ambiente para produzir bens e serviços ou pelos resíduos que geram direta ou indiretamente”, por isso seria necessário a inserção da educação ambiental na formação de profissionais de nível superior.

No tocante da população acadêmica brasileira, de acordo com o Censo da Educação Superior 2023 (MEC, INEP, 2024), foram ofertadas 24.687.130 vagas nas 2.580 instituições de educação superior registradas, podendo ser privadas ou públicas e suas modalidades de ensino sendo presencial ou EaD (Educação à Distância). Já o número de matrículas atingiu o quantitativo de 9,9 milhões, havendo mais de 4,9 milhões de ingressantes em 2023.

Estudos realizados com universitários apontam hábitos alimentares inadequados e não saudáveis (Marcondelli, Costa, Schmitz, 2008; Feitosa *et al.*, 2010; Duarte, Almeida, Martins, 2013; Perez *et al.*, 2016; Silva *et al.* 2016; Bernardo *et al.*, 2017) com alto consumo de ultraprocessados e baixo consumo de frutas e vegetais. Diante dos pontos expostos, se levantam preocupações sobre a capacidade de estudantes universitários da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) enxergarem dietas vegetarianas como forma de contribuição para a sustentabilidade.

### 3 METODOLOGIA

Como apontado por Strauss e Corbin (2008, p. 23) a pesquisa qualitativa se destaca por produzir resultados que não são estatísticos ou quantitativos, podendo se referir a uma “pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações”. Outra razão apontada para a utilização da mesma é a obtenção de detalhes sobre sentimentos, processos de pensamento e emoções que em outros métodos de pesquisa são mais difíceis de serem extraídos e descobertos.

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa, que é relevante para estudar as relações sociais em razão da diversificação das esferas da vida (Flick, 2009). Outra razão para a escolha deste método de pesquisa, como complementa Oliveira (2016), se deu pelo fato da mesma ser um processo onde a realidade é refletida e analisada, se utilizando de métodos e técnicas com o objetivo de compreender o contexto histórico do objeto de estudo e/ou sua estruturação. Dessa forma, este processo leva em consideração alguns fatores como a literatura pertinente para o tema, a aplicação de questionários e a análise dos dados.

Sobre aspectos essenciais da pesquisa qualitativa, Flick (2009, p. 23) disserta que:

[...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (Flick, 2009, p. 23).

Flick, Kardorff e Steinke (2004, p. 3) ainda complementam que a mesma visa “[...] descrever os mundos da vida ‘de dentro para fora’, do ponto de vista das pessoas que participam. Ao fazê-lo busca-se a contribuição para um melhor entendimento das realidades sociais e chamar atenção para processos, padrões de significado e características estruturais”.

A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia se deu pela necessidade de entender as perspectivas dos participantes de maneira intrínseca, podendo explorar a subjetividade do tema, indo além de números quantitativos e estatísticos.

#### 3.1 Construção do *Corpus* de Pesquisa

Para a pesquisa em questão, foram coletados dados para a construção de um *corpus* linguístico. Uma das principais justificativas para a aplicação dos princípios de construção de *corpus* em pesquisas é a busca pela manutenção do foco no tema em questão, por meio da

coerência nas decisões epistemológicas, metodológicas e ontológicas. É importante destacar que, conforme a definição de Barthes (1996), o *corpus* é uma construção do pesquisador, o que implica que a decisão sobre sua extensão e os materiais que o comporão, entre outras questões, cabe ao próprio pesquisador. O *corpus* deve ser planejado e desenvolvido de acordo com critérios de seleção bem definidos.

A construção do *corpus* é funcionalmente equivalente à amostra representativa e ao tamanho da amostra. Embora o tamanho da amostra não seja o fator principal na construção do *corpus*, é fundamental que haja saturação dos dados. Quando não surgem mais respostas distintas durante a coleta de dados, recomenda-se encerrar a coleta, com base na saturação das respostas, pois os discursos já não oferecerão mais contribuições significativas para a pesquisa (Minayo, 2012).

Esta pesquisa busca compreender como os estudantes da UFPE - CAA percebem a contribuição das dietas vegetarianas para a sustentabilidade. A construção de um *corpus* com elementos significativos e a escolha dos dados suplementares coletados e utilizados concentraram-se nos indivíduos que mantinham alguma relação relevante com a prática social investigada. Assim, o estudo compreendeu os discursos/percepção de estudantes de graduação da Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste, visando uma seleção de participantes de forma intencional, buscando respostas do maior número de cursos possível para se obter uma perspectiva de diferentes áreas.

Os extratos do *corpus* analítico ora citados foram selecionados a partir da adaptação de uma entrevista semi estruturada para um formulário semi estruturado, visando suas vantagens que, como destaca Marconi (2015), são a obtenção de respostas precisas, a maior liberdade que os participantes sentem para responder, devido ao anonimato, e pelo fato de poder ser respondido em uma hora favorável. O mesmo utilizou questões fechadas de múltipla escolha para a coleta de informações básicas sobre faixa etária, gênero, curso e dieta seguida, e questões abertas, que, segundo Marconi (2015), são importantes pois permitem respostas livres que emitem opiniões e utilizam de linguagem própria, possibilitando uma investigação mais profunda e precisa.

O formulário semi estruturado foi realizado de forma virtual através da plataforma Google Forms que, segundo Mota (2019), é um aplicativo gratuito onde o próprio usuário pode criar formulários, que podem ser trabalhados de forma colaborativa, tendo algumas de suas principais características a possibilidade de acesso independente de hora e local e a facilidade de uso da plataforma, sendo vantajosa pela sua praticidade e sua forma organizada de apresentar os resultados da pesquisa em forma de gráficos e planilhas.

O mesmo teve o acesso às informações restrito apenas para os envolvidos na realização dessa pesquisa a fim de assegurar a confidencialidade e o anonimato dos participantes da pesquisa. A mesma obteve o consentimento prévio dos estudantes para a participação na pesquisa. A escolha dos indivíduos que participaram da pesquisa foi realizada levando-se em consideração a disposição deles para colaborar e a representação das diversas identidades dentro do campo significativo em análise.

Logo, a aplicação do formulário virtual garantiu uma coleta eficiente, eficaz, de perspectivas diversificadas e informações relevantes que serão discutidas na seção de análise do *corpus*.

### **3.2 Coleta do *Corpus***

Para a coleta do *corpus* foi utilizado como instrumento de coleta o formulário semi estruturado, resultado da adaptação de um roteiro de entrevista semi estruturada, com perguntas abertas e fechadas, as abertas visavam um aprofundamento no tema abordado e as fechadas se propunham a recolher dados básicos dos respondentes como: faixa etária, gênero, curso e dieta. O contato com os respondentes desta pesquisa foi feito através de redes sociais como WhatsApp e Instagram, não conversando apenas diretamente com os discentes, mas, também, entrando em contato com os Diretórios Acadêmicos dos cursos de graduação da UFPE - CAA para que estes enviassem o link do formulário para os discentes. Além disso, foi pedido para que os respondentes enviassem o link do formulário para colegas de curso. A busca por respondentes para esta pesquisa não focou em perfis específicos de estudantes, destacando como critérios necessários que estes discentes fossem de algum curso de graduação e que estudassem na UFPE - CAA, pois a intenção da mesma era entender os pontos de vista de forma variada. O formulário foi aplicado de forma online, nos meses de fevereiro e março de 2025, através da plataforma Google Forms devido à praticidade para compartilhar e às ferramentas que a mesma dispõe para criação e análise das respostas. O formulário em questão está disposto no Apêndice A.

### **3.3 Categorização e Análise do *Corpus***

O formulário semi estruturado compreendeu discentes de 11 cursos de graduação diferentes e alcançou o total de 54 respostas. O processo de categorização seguiu seis etapas estruturadas para garantir uma análise aprofundada e coerente do *corpus* investigado.

Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória das respostas ao formulário semi estruturado, permitindo uma imersão no conteúdo e a identificação de padrões gerais. Em seguida, foram destacadas unidades de significado, agrupadas em categorias preliminares conforme sua relevância e recorrência. Essas categorias passaram por refinamento, sendo reorganizadas e subdivididas para maior precisão analítica. Para embasar a análise, cada categoria foi ilustrada com trechos extraídos das respostas do formulário, dispostos no Apêndice B para melhor visualização e compreensão.

Assim, a análise revelou a estrutura do *corpus*, organizando os dados em categorias principais — Motivações das Escolhas Alimentares, Conhecimento Ambiental e Discussão na Universidade — como demonstrado no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 - Categorias.

<b>Categorias</b>
Motivações das Escolhas Alimentares
Conhecimento Ambiental
Discussão na Universidade

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Por fim, os achados foram interpretados à luz do referencial teórico, proporcionando uma articulação entre os dados empíricos e os conceitos centrais da pesquisa.

## 4 ANÁLISE DO *CORPUS*

### 4.1 Motivações das Escolhas Alimentares

Ao discorrer sobre suas motivações para seguirem as suas dietas, os estudantes destacam:

- Aspectos socioculturais - “A cultura que nascemos nos induz a essa dieta e levamos isso a diante depois que crescemos [...]” e “É uma escolha conveniente ao estilo de vida familiar, pois desde cedo fui introduzida nesta dieta”, indo de encontro com o estudo de Bogado e Freitas (2016) que indicam que a dimensão socializadora da alimentação é impactada pelas formas que nos relacionamos, sendo as práticas alimentares uma forma de adquirir e transmitir valores.
- Sustentabilidade e causa animal - “Os mal tratos dos animais e como a vida deles são resumida a apenas ser nossa alimentação” e “[...] os motivos era a causa animal, ter uma alimentação mais saudável [...] e o outro motivo era um planeta mais sustentável.”
- Influência do acesso à informações - “Sim, tive contato. Foi um dos motivos que influenciou minha dieta, mas não o único”;
- Praticidade - “Muitas cidades não oferecem recursos para manter uma dieta vegetariana/vegana e, quando oferecem, muitas pessoas não possuem condições financeiras para manter esse tipo de dieta, já que não é algo comum mercado.”;
- Sabor - “Gosto bastante de carne e de poder escolher entre alimentos de origem vegetal ou animal.”;
- Saúde - “A dieta onívora me oferece uma maior variedade nutricional, facilitando a obtenção de proteínas completas, vitaminas e minerais importantes pra saúde.”, mas, em contrapartida, outro respondente salienta que foi influenciado a se tornar vegano porque “[...] alguns estudos mostram que essa dieta é mais saudável do que a dieta onívora”.

Este último ponto reflete a ambiguidade encontrada nos dados da pesquisa IBOPE sobre vegetarianismo (2018), onde 26% e 23% dos entrevistados concordam e discordam totalmente, respectivamente, que produtos veganos podem ter a mesma qualidade em comparação a produtos que contém ingredientes de origem animal.

Logo, observa-se uma variedade de razões motivadoras que influenciam as escolhas alimentares dos estudantes universitários, mostrando que estas são intrinsecamente conectadas aos aspectos socioculturais que os rodeiam desde sua introdução alimentar e, também, as informações que estes têm acesso sobre sustentabilidade e saúde conectadas às práticas alimentares.

## 4.2 Conhecimento Ambiental

O conhecimento ambiental é uma categoria importante para o desenvolver desta pesquisa, pois visa entender a compreensão dos estudantes sobre a conexão entre alimentação e sustentabilidade. Os achados demonstram que alguns participantes compreendem o elo existente entre estes tópicos, dissertando que “[...] a manutenção da produção de alguns tipos de carne (em especial bovina) causa alguns efeitos negativos na natureza, como maior emissão de gases do efeito estufa [...]”, indo de encontro com o estudo de Costa (2021), onde, ao perguntar aos estudantes sobre a redução do consumo de carne bovina como uma ação de sustentabilidade alimentar, encontrou dados que indicaram que mais de 50% de ambos os cursos estudados concordam totalmente ou parcialmente com essa afirmação.

Um fator que ganha destaque é a opinião dos participantes sobre a contribuição de dietas vegetarianas para a sustentabilidade. Um dos respondentes apontou: “Sim, acredito que a produção de carne, especialmente de boi, é uma das principais fontes de impactos ambientais, portanto ao escolher uma dieta vegetariana, você contribui para reduzir esses impactos”. Esse trecho pode ser relacionado ao livro de Garzillo *et al.* (2019), no qual se observa que os alimentos de origem vegetal consumidos no Brasil, mesmo levando em consideração os modos de preparo, conseguem ter uma pegada de carbono expressamente menor do que alimentos de origem animal, podendo, assim, reduzir as emissões de carbono, causando a diminuição de impactos ambientais.

Entre aqueles que dissertaram sobre os impactos ambientais, alguns destacaram o “[...] alto desmatamento para abertura de pastos” e que “[...] quanto menos o mercado agropecuário for consumido, haverá menos expansão do pasto [...]” indo de encontro com informações da pesquisa JUMA (2022), apresentando que 34% dos jovens consideram o desmatamento como um dos assuntos ambientais mais importantes onde moram e que 20% destes associam o desmatamento das florestas às mudanças climáticas. Estas informações podem ser corroboradas pelos dados do MapBiomas (2024) que ressaltam a pastagem como representante de 90% do desmatamento ao longo dos anos na Amazônia.

Em contrapartida, alguns discentes não concordaram com essa conexão entre os temas de sustentabilidade e dietas vegetarianas. Foi destacado que “Nunca ouvi nada sobre a relação que possa existir entre essas coisas, logo, não”, outros apontaram não saber se existe essa relação e, por fim, destaca-se o fato do não conhecimento de um dos termos abordados, ao indicar que “não entendo o que significa o termo "pegada" nesse contexto. Por isso não posso responder”. Outro ainda apontou a necessidade de entender melhor como se daria esse processo de redução de pegada de carbono a partir de dietas vegetarianas, dissertando que “[...] depende muito mais dos objetivos para os quais a produção de alimentos é realizada (alimentação vs geração de riqueza) do que qual dieta tenha menos impacto, pois para este segundo ponto a resposta é muito simples, sim, mas não depende somente dessa questão”.

De modo geral, enquanto alguns participantes associam a redução do consumo de carne a menores impactos ambientais, outros demonstraram desconhecimento. Essas percepções reforçam a importância de ampliar o debate sobre o tema, considerando diferentes perspectivas e a necessidade de maior acesso a informações sobre sustentabilidade alimentar.

### **4.3 Discussão na Universidade**

Pode-se afirmar de maneira indubitável que a conscientização pode desempenhar um papel importante na adoção de escolhas mais sustentáveis. Por isso, a universidade pode ser considerada um agente de conservação e um espaço para os jovens discutirem sobre o meio ambiente, a pesquisa JUMA (2022) destaca que 53% dos jovens esperam que essas instituições promovam debates para ajudá-los a enfrentar os efeitos da crise climática, entretanto, apesar de polarizado, grande parte das respostas desta pesquisa aponta para uma falta desse debate na UFPE - CAA, ao dizerem que “[...] há 3 anos estou aqui e nunca ouvi ou presenciei discussões do tipo” e “Não, nunca tive acesso a esse tipo de debate nem no meu curso nem na universidade. Porém, acredito na importância dessa discussão dentro deste ambiente educacional e de escutas ativas e construtivas”. Já aqueles que acreditam que existe certa discussão no âmbito acadêmico indicam que a mesma não abrange os impactos ambientais dos hábitos alimentares, explicitados nos trechos a seguir:

- “No meu curso a gente tem discussões sobre sustentabilidade, relacionado a poluição ambiental no geral e aquecimento do planeta por exemplo, mas ainda não vi algo específico sobre a poluição gerada por hábitos alimentares, sabe?”.

- “Acho que a universidade em algum grau promove discussões sobre sustentabilidade em alguns âmbitos, principalmente na produção industrial, muito lixo plásticos, poluição do meio ambiente, e afins, mas não creio que especificamente no de hábitos alimentares [...]”.
- “Na área pedagógica discutimos ciência e políticas, que conseqüentemente estão atrelados aos impactos ambientais presentes no país. Mas direcionado aos hábitos alimentares não”.
- “No curso de medicina, debate-se, desde o primeiro ano, sobre alimentação saudável, mas não sobre a pegada de carbono existente entre os tipos de alimentação.”

No curso de Administração, especificamente, os respondentes apontam que “Não, não se debate muito em relação a isso”, estando de acordo com os dados apresentados por Santos *et al.* (2020, p. 37) em sua pesquisa com discentes da UFPE CAA do curso de Administração, que indica que, apesar de haverem disciplinas obrigatórias relacionadas à temática como Ética e Responsabilidade Social, Gestão Social e Gestão Sustentável, as mesmas “parecem não ser suficientes para desenvolver um senso de responsabilidade relacionado às questões de sustentabilidade” e os estudantes “consideram que o curso pouco tem contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais para um administrador com responsabilidade socioambiental”, sugerindo a necessidade de um maior aprofundamento da temática da sustentabilidade na estrutura curricular do curso.

Em suma, através dos dados dessa pesquisa foi possível compreender como os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade que dietas vegetarianas têm de contribuir para sustentabilidade, sendo importante para entender que a próxima geração de profissionais está, de modo geral, consciente sobre como a sustentabilidade é uma das pautas que ganha destaque na atualidade, mas que a universidade não tem contribuído o bastante para a inclusão desse tema no âmbito acadêmico, especialmente se tratando da alimentação que é um dos atos políticos mais comuns do ser humano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentabilidade é um tema que tem sido discutido desde o século XVI se tornando importante nas decisões políticas e de gestão entre países e organizações. Devido às suas multidimensões, abordando ambiente, economia, sociedade, poder e cultura, se torna um assunto delicado, mas, também, um ponto-chave de tomadas de decisões, pois, apesar da necessidade de uma análise extensa para implantação de medidas sustentáveis, a mesma se torna destaque das discussões atuais devido ao aumento da escassez de recursos e dos impactos ambientais.

Desde o último século, a preocupação ambiental vem se tornando pauta de grandes conferências mediadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), algumas se destacam como a Conferência de Estocolmo (1972), a Cúpula da Terra (1992), a Cúpula Mundial Sobre Desenvolvimento Sustentável (2002), Rio +20 (2012) e, mais recentemente, a Assembleia Geral das Nações Unidas (2015) na qual foi desenvolvida a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, onde surgem os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que visam o equilíbrio entre economia, sociedade e meio ambiente.

Apesar destes esforços, os mesmos não têm sido suficientes na mitigação dos impactos ambientais. As ações humanas se mostram uma das principais causas de impactos ambientais negativos no mundo gerando mudanças na atmosfera, fauna e flora.

Um dos setores responsável por grande parcela dessas emissões, é o setor da pecuária, que, entre seus impactos, causa degradação do solo, poluição do ar e da água e perda de biodiversidade, dessa forma contribui para mudanças climáticas através de suas emissões de GEEs. Logo, surgem questões sobre como dietas vegetarianas que não possuem alimentos de origem animal apresentam uma pegada de carbono menor. Ademais, com o aumento de matrículas de alunos em instituições de ensino superior e com o interesse presente entre jovens e estudantes em pautas sustentáveis, despontam questionamentos sobre se estes perceberem o potencial de dietas vegetarianas de contribuir para a sustentabilidade.

Devido à escassez presente na literatura atual sobre os impactos destes hábitos alimentares, se tornou evidente a necessidade desta pesquisa, além disso, visa a contribuição para que gestores entendam as influências socioculturais da alimentação entre jovens e seus comportamentos, podendo desenvolver táticas administrativas que beneficiem suas organizações. Também abrange a sociedade, ao fazer com que esse debate influencie as próximas gerações em tomadas de decisões mais assertivas e na inovação de processos,

fazendo das universidades um espaço de desenvolvimento e discussão de pautas que capacitem os estudantes para enfrentamento destas questões.

O primeiro objetivo específico se atentou a discutir as motivações das escolhas alimentares dos estudantes. Foi possível perceber que causas relacionadas à sustentabilidade, praticidade, preferências alimentares e saúde, são pontos chaves para essa discussão, especialmente se tratando dos aspectos socioculturais como um dos principais fatores de influência neste comportamento. Além disso, destaca-se o acesso à informações sobre sustentabilidade relacionada à alimentação como um motivador para a adoção destas práticas alimentares, se tornando uma ferramenta com potencial de sensibilização e mudança de hábitos, ainda que seu impacto varie conforme as percepções e prioridades individuais.

O segundo objetivo específico pretendia analisar o conhecimento ambiental dos estudantes sobre a relação entre dietas vegetarianas e sustentabilidade. Entre os alunos que percebem a conexão dos temas, admite-se que a escolha por dietas sem produtos de origem animal, trazem impactos positivos para o meio ambiente. Ademais, os participantes indicam que a produção de alimentos de origem animal gera diversos problemas ambientais, estando conectados: ao desmatamento e às queimadas, principalmente para a abertura de pastagens; à grande utilização de recursos naturais, especialmente a água; à poluição; e à emissão de gases de efeito estufa. Reforça-se, assim, a visão de que a alimentação representa um tema central na discussão das questões ambientais. A pesquisa indica, também, que alguns estudantes não percebem a conexão entre os temas, evidenciando ainda a necessidade da disseminação de informações relacionadas à temática, visando garantir uma visão ampla e consciente.

Já o terceiro objetivo específico se propôs a entender como ocorrem as discussões na Universidade sobre a sustentabilidade atrelada às práticas alimentares do ponto de vista dos estudantes, explicitando que, apesar dos mesmos considerarem que a Universidade é um lugar onde esperam que ocorram discussões sobre a sustentabilidade, muitos deles não presenciaram essas discussões em seus cursos ou no âmbito acadêmico em geral, porém, mesmo àqueles que indicaram que estiveram presentes nas discussões desta temática, disseram que as mesmas não trataram das práticas alimentares. Portanto, isto dificulta a conscientização dos estudantes, impedindo que os mesmos possam ter as informações necessárias para tomadas de decisões que contribuam para uma alimentação sustentável.

Ao se ponderar sobre o objetivo geral, identifica-se que apesar de os estudantes perceberem uma relação entre os temas abordados e como existe um impacto ambiental causado pela pecuária, os mesmos têm dificuldades em quantificar esse impacto e como a pegada de carbono de alimentos de origem vegetal é menor que as de origem animal. Ainda

levantam que o acesso à esse tipo de informações durante sua formação na escola e universidade causaram um certo impacto nos seus comportamentos, mas que o debate na universidade ainda é escasso, alguns apontando que não chegaram a ter acesso a essas discussões no ambiente acadêmico, principalmente quando se trata de hábitos alimentares sustentáveis, fazendo com que o acesso às informações seja um ponto crucial para a formação desses estudantes e os tornando agentes de mudanças em suas comunidades e espaços que ocupam, pois as experiências vividas em seus âmbitos sociais e a influência da cultura se mostraram pilares cruciais para o desenvolvimento de uma alimentação saudável e sustentável.

Em síntese, os achados destacam o impacto que o acesso à informação e a discussão da temática nas universidades têm na formação de percepção dos estudantes que entendem a necessidade desse assunto e a importância de seu aprendizado, mas que ainda carecem de incentivos para tomadas de decisão e mudanças de hábitos, tornando essa pesquisa um motor gerador de novas indagações que podem influenciar outras investigações.

Diante dessas reflexões, destaca-se a relevância de promover um debate mais amplo sobre a relação entre alimentação e sustentabilidade no ambiente acadêmico, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A conexão com os ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), 3 (Saúde e Bem-Estar), 12 (Consumo e Produção Responsáveis), 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima) e 15 (Vida Terrestre) evidencia como a adoção de dietas vegetarianas pode contribuir para a mitigação dos impactos ambientais, a segurança alimentar, a saúde pública e a preservação dos ecossistemas. Assim, fomentar o acesso à informação e estimular práticas alimentares mais sustentáveis dentro das universidades pode não apenas sensibilizar os estudantes, mas também impulsionar mudanças significativas em nível social, ambiental e econômico.

Recomenda-se para trabalhos futuros, explorar as diferenças de percepções do potencial de dietas vegetarianas para sustentabilidade entre os cursos de graduação. Ademais, chama a atenção a necessidade de uma pesquisa que meça a pegada de carbono das refeições, com e sem carne, servidas nos restaurantes universitários. Por fim, estes estudos são necessários para entender os impactos da alimentação no meio ambiente e para promover hábitos alimentares sustentáveis.

## REFERÊNCIAS

- ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. **Beef Report 2023**: perfil da pecuária no Brasil. São Paulo: ABIEC, 2023. Disponível em: <https://www.abiec.com.br/wp-content/uploads/Final-Beef-Report-2023-Completo-Versao-web.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR ISO 14001**: Sistemas de gestão ambiental - Requisitos com orientações para uso. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR ISO 14040**: Gestão ambiental – Avaliação do ciclo de vida – Princípios e estrutura. Rio de Janeiro: ABNT, 2009.
- AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, v. 19, p. 276-307, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/jZ4t5bjvQVqqXdNYn9jYQgL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2025.
- BARBIERI, José Carlos. A educação ambiental e a gestão ambiental em cursos de graduação em administração: objetivos, desafios e propostas. **Revista de Administração Pública**, v. 38, n. 6, p. 919 a 946-919 a 946, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6766/5348>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. 11. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- BERNARDO, Greyce Luci; JOMORI, Manuela Mika; FERNANDES, Ana Carolina; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Food intake of university students. **Revista de Nutrição**, v. 30, n. 6, p. 847-865, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/bmSNq6wsBKq8vk3DHd4BXJj/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é-o que não é**. Editora Vozes Limitada. Petrópolis, RJ, 2017. ISBN: 978-85-326-5610-0.
- BOGADO, Adriana Marcela; FREITAS, Denise de. A reconstrução de memórias da alimentação na formação inicial de professores de ciências: um reencontro com saberes, sabores, aromas e afetos. **ETD Educação Temática Digital**, v. 18, n. 3, p. 670-689, 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v18n3/1676-2592-etd-18-03-00670.pdf>. Acesso em: 9 fev, 2025.
- BRAGA, Isabel Drumond. Em busca do novo Éden no século XX: os portugueses e a fundação de colônias naturistas no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, jul.-set. 2018, p. 659-678. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RgVCMBwGNWNzvWMwqKgV8nb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.
- BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986**. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental. Disponível em:

[https://conama.mma.gov.br/?option=com\\_sisconama&task=arquivo.download & id=745](https://conama.mma.gov.br/?option=com_sisconama&task=arquivo.download & id=745). Acesso em: 28 set. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2023**. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior-2023>. Acesso em: 8 fev. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. **Relatório nacional voluntário**, Brasil 2024 / Secretaria-Geral da Presidência da República. --- Brasília : Presidência da República, 2024. 343 p.: il. ISBN 978-65-86360-45-5. Disponível em: [https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/cnods/RNV\\_Brasil/portugues/copy\\_of\\_RNVatualizado24reduzidoembytes.pdf](https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/cnods/RNV_Brasil/portugues/copy_of_RNVatualizado24reduzidoembytes.pdf). Acesso em: 20 jan. 2025.

CAVALCANTI, Renato da Silva; SILVA, Carlos Kleber Santos; LIRA, Jordana Soares; COSTA, Marconi Freitas. Preocupação Socioambiental e Hábitos de Consumo: o que nos dizem os estudantes universitários?. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/32577/23857>. Acesso em: 9 fev. 2025.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Sustentabilidade & Opinião Pública**. Novembro, 2023. Disponível em: [https://static.portaldaindustria.com.br/portaldaindustria/noticias/media/filer\\_public/a9/75/a9753364-4595-4439-a19b-3880c22a0c8f/pesquisa\\_sustentabilidade\\_opiniao\\_publica.pdf](https://static.portaldaindustria.com.br/portaldaindustria/noticias/media/filer_public/a9/75/a9753364-4595-4439-a19b-3880c22a0c8f/pesquisa_sustentabilidade_opiniao_publica.pdf). Acesso em: 4 out. 2024.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod\\_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf). Acesso em: 3 out. 2024.

COSTA, Juliana. **Alimentando o futuro**: um estudo de percepção sobre alimentação sustentável entre dois cursos superiores luso-brasileiros – Licenciatura em Educação Ambiental (IPB) e Tecnologia em Gestão Ambiental (IFAL - MD). 2021. 97 f. il., color. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Marechal Deodoro, Marechal Deodoro, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifal.edu.br/server/api/core/bitstreams/5554aef7-8cde-4833-9b40-8e2ed86695dc/content>. Acesso em: 12 mar. 2025.

**Do pasto ao prato**: subsídios e pegada ambiental da carne bovina [recurso eletrônico]. São Paulo: Instituto Escolhas, 2020. Disponível em: [https://escolhas.org/wp-content/uploads/2020/01/Relatorio\\_Do-pasto-ao-prato\\_Pegadas\\_FIN AL.pdf](https://escolhas.org/wp-content/uploads/2020/01/Relatorio_Do-pasto-ao-prato_Pegadas_FIN AL.pdf). Acesso em: 3 out. 2024.

DUARTE, Flávia Moreno; ALMEIDA, Suzy Darlen Soares de; MARTINS, Karine Anusca. Alimentação fora do domicílio de universitários de alguns cursos da área da saúde de uma instituição privada. **O Mundo da Saúde**, v. 37, n. 3, p. 288-298, 2013. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo\\_saude/alimentacao\\_fora\\_domicilio\\_universitarios\\_cursos.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/alimentacao_fora_domicilio_universitarios_cursos.pdf). Acesso em: 4 out. 2024.

EM MOVIMENTO; REDE CONHECIMENTO SOCIAL; ENGAJAMUNDO; INSTITUTO AYÍKA. **PESQUISA JUMA - Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas**. Relatório Nacional - Novembro, 2022. Disponível em: <https://concertacaoamazonia.com.br/estudos/pesquisa-juventudes-meio-ambiente-e-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 04 out. 2024.

ESTEVES, Janaína Di Lourenço. **Alimentando um ideal de sociedade: a emergência do associativismo vegetariano no Brasil (1913-1930)**. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2024. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Janaina-Di-Lourenco-Esteves/publication/383425500\\_Alimentando\\_um\\_ideal\\_de\\_sociedade\\_a\\_emergencia\\_do\\_associativismo\\_vegetariano\\_no\\_Brasil\\_1913-1930/links/66ccded4920e05672e528d4e/Alimentando-um-ideal-de-sociedade-a-emergencia-do-associativismo-vegetariano-no-Brasil-1913-1930.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Janaina-Di-Lourenco-Esteves/publication/383425500_Alimentando_um_ideal_de_sociedade_a_emergencia_do_associativismo_vegetariano_no_Brasil_1913-1930/links/66ccded4920e05672e528d4e/Alimentando-um-ideal-de-sociedade-a-emergencia-do-associativismo-vegetariano-no-Brasil-1913-1930.pdf). Acesso em: 21 set. 2024.

FEITOSA, Eline Prado Santos; DANTAS, Camila Andrade de Oliveira, ANDRADE-WARTHA Elma Regina Silva; MARCELLINI, Paulo Sergio; MENDES-NETTO Raquel Simões. Hábitos alimentares de estudantes de uma universidade pública no nordeste, Brasil. **Rev Alim Nutr**, Araraquara, SP. v. 21, n. 2, p. 225-230, abr./jun. 2010. ISSN 0103-4235. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/52597848/1185-5693-1-PB\\_2\\_1-libre.pdf?1492024764=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHABITOS\\_ALIMENTARES\\_DE\\_ESTUDANTES\\_DE\\_UMA.pdf&Expires=1742540493&Signature=A1Y7QwAMvTEOogZhCdx4blzjbdL8MU9AndRhR70SROjHSjDkxwZJ3-azxlDFQcq6Fa9VQqfLGcYwOzgTKYr1O-oHqzakS1T6gP0WYAp5rPpMvT7DI3wSf933N-119QNtWg7kMPBTdDaE6KN6I3Q6IKzkTsLjfdFEbsASuF9KkL1PJfJ-7PHFz~I4DPs-4RDryJmZvgfpwUxKdEEn-p66gAJhezSChz4ZjdJvz1XtyZdv-INOrLWQ6~B1sliqbldeFz7gyngTLd7q37oswO4w8rHzFKgmKU5IOrduxI51WnXne9HCc7GYyamItWCzmE6iUD5pIjyBi0eIJtJOg111zg\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSRLBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/52597848/1185-5693-1-PB_2_1-libre.pdf?1492024764=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHABITOS_ALIMENTARES_DE_ESTUDANTES_DE_UMA.pdf&Expires=1742540493&Signature=A1Y7QwAMvTEOogZhCdx4blzjbdL8MU9AndRhR70SROjHSjDkxwZJ3-azxlDFQcq6Fa9VQqfLGcYwOzgTKYr1O-oHqzakS1T6gP0WYAp5rPpMvT7DI3wSf933N-119QNtWg7kMPBTdDaE6KN6I3Q6IKzkTsLjfdFEbsASuF9KkL1PJfJ-7PHFz~I4DPs-4RDryJmZvgfpwUxKdEEn-p66gAJhezSChz4ZjdJvz1XtyZdv-INOrLWQ6~B1sliqbldeFz7gyngTLd7q37oswO4w8rHzFKgmKU5IOrduxI51WnXne9HCc7GYyamItWCzmE6iUD5pIjyBi0eIJtJOg111zg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSRLBV4ZA). Acesso em: 21 mar. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p. ISBN 978-85-363-1711-3

FLICK, Uwe; KARDORFF, Ernst von; STEINKE, Ines. **A companion to qualitative research**. Sage, 2004. ISBN 0 7619 7374 5

GARZILLO, Josefa Maria Fellegger; MACHADO, Priscila Pereira; LEITE, Fernanda Helena Marrocos; STEELE, Euridice Martinez; POLI, Vanessa Fadanelli Schoenardie; LOUZADA, Maria Laura da Costa; LEVY, Renata Bertazzi; MONTEIRO, Carlos Augusto. Pegada de carbono da dieta no Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 55, n. 90, São Paulo, 2021. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003614>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/K9HVmZ33wfbLTBFmW6NNcfm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2024.

GARZILLO, Josefa Maria Fellegger; MACHADO, Priscila Pereira; LOUZADA, Maria Laura da Costa; LEVY, Renata Bertazzi; MONTEIRO, Carlos Augusto. **Pegadas dos alimentos e das preparações culinárias consumidos no Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2019. 74 p.: il. color. ISBN: 978-85-88848-36-8 (eletrônico). DOI: 10.11606/9788588848368. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/393/345/1602>. Acesso em: 29 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agropecuária:** bovinos. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/bovinos/br>. Acesso em: 28 set. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Agenda 2030:** ODS - Metas nacionais dos objetivos de desenvolvimento sustentável. 2018. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8855/1/Agenda\\_2030\\_ods\\_metas\\_nac\\_dos\\_obj\\_de\\_desenv\\_susten\\_propos\\_de\\_adequa.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8855/1/Agenda_2030_ods_metas_nac_dos_obj_de_desenv_susten_propos_de_adequa.pdf). Acesso em: 20 jan. 2025.

IPCC, 2007: **Climate Change 2007:** The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Solomon, S., D. Qin, M. Manning, Z. Chen, M. Marquis, K.B. Averyt, M. Tignor and H.L. Miller (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, 996 pp. Disponível em: [https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/05/ar4\\_wg1\\_full\\_report-1.pdf](https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/05/ar4_wg1_full_report-1.pdf). Acesso em: 1 fev. 2025.

IPCC, 2021: **Annex VII:** Glossary [Matthews, J.B.R., V. Möller, R. van Diemen, J.S. Fuglestvedt, V. Masson-Delmotte, C. Méndez, S. Semenov, A. Reisinger (eds.)]. In Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S.L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M.I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T.K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu, and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, pp. 2215–2256, doi:10.1017/9781009157896.022. Disponível em: [https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC\\_AR6\\_WGI\\_AnnexVII.pdf](https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_AnnexVII.pdf). Acesso em: 1 fev. 2025.

IPCC, 2021: **Sumário para Formuladores de Políticas.** Em: Mudança do Clima 2021: A Base da Ciência Física. Contribuição do Grupo de Trabalho I ao Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. No Prelo. Disponível em: [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/IPCC\\_mudanca2.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/IPCC_mudanca2.pdf). Acesso em: 1 fev. 2025.

MARCONDELLI, Priscilla; COSTA, Teresa Helena Macedo da; SCHMITZ, Bethsáida de Abreu Soares. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. **Revista de nutrição**, v. 21, p. 39-47, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/NMzzBt9DRVLN9y8dqFYzxy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 9 fev. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

MERRIAM, Sharan B.; TISDELL, Elizabeth J. **Qualitative research: A guide to design and implementation**. John Wiley & Sons, 2015.

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista economia e desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 23-41, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231146376.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, p. 621-626, 2012.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos avançados**, v. 26, p. 51-64, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yJnRYLWXSwyxqggqDWy8gct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2025.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. revista e atualizada - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. ISBN 978-85-326-3377-4.

ONU BRASIL. **A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nações Unidas Brasil. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ONU BRASIL. **A ONU e o meio ambiente**. Nações Unidas Brasil. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ONU BRASIL. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Nações Unidas Brasil. 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). STEINFELD, Henning; GERBER, Pierre; WASSENAAR, Tom; CASTEL, Vincent; ROSALES, Mauricio; HAAN, Cees de. **Livestock's long shadow: environmental issues and options**. 2006. ISBN 978-92-5-105571-7. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/36ade937-4641-46ed-aac4-6162717d8a7f/content>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PEREZ, Patrícia Maria Périco; CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de; FRANCO, Amanda da Silva; BANDONI, Daniel Henrique; WOLKOFF, Daisy Blumenberg. Práticas alimentares de estudantes cotistas e não cotistas de uma universidade pública brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 531-542. 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015212.01732015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HYT9BWZYwfJR5gbPdNvLBML/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 out. 2024.

Projeto MapBiomass. **Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra no Brasil**. Coleção 9, 2024. Disponível em: [https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2024/10/Factsheet-Amazonia\\_C9\\_01\\_10\\_v2.pdf](https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2024/10/Factsheet-Amazonia_C9_01_10_v2.pdf). Acesso em: 2 fev. 2025.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa; CONSTANTINO DE OLIVEIRA, Michel Ângelo; MOREIRA DA SILVA, Ana Paula; LUEDEMANN, Gustavo. **A sustentabilidade ambiental da agropecuária brasileira**: Impactos, políticas públicas e desafios. Texto para Discussão, No. 1782. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/91310/1/730094006.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

SANTOS, Jaqueline Guimarães; ALVES, Ana Paula Ferreira; FLORÊNCIO, Dielly Rodrigues Lopes; FERREIRA, Charles Evandre Vieira. Educação para a sustentabilidade no Ensino Superior: Um estudo com Bacharéis em Administração. **REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 10, n. 1, p. 30-42, 2020. Disponível em: <https://www.reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uacc/article/view/769/543>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SEEG - Sistema de Estimativa de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa, Observatório do Clima. **Análise das emissões de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970-2022**. Brasil, 2023. Disponível em: [https://oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/11/Relatorio-SEEG\\_gases-estufa\\_2023FINAL.pdf](https://oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/11/Relatorio-SEEG_gases-estufa_2023FINAL.pdf). Acesso em: 28 set. 2024.

SEEG - Sistema de Estimativa de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa, Observatório do Clima. **Análise das emissões de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970-2023**. Brasil, 2024. Disponível em: <https://seeg.eco.br/wp-content/uploads/2024/11/SEEG-RELATORIO-ANALITICO-12.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2025.

SEEG - Sistema de Estimativa de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa, Observatório do Clima. **Emissões totais por estados**. Pernambuco, 2023. Disponível em: [https://plataforma.seeg.eco.br/?highlight=states-net-emissions-by-sector-goias&\\_gl=1\\*1q8xg6x\\*\\_ga\\*MTE4MTgxMjkyNS4xNzI3NTMzMzg0\\*\\_ga\\_XZWSWEJDWQ\\*MTczODUyMjYyOS44LjEuMTczODUyMjk2MS4wLjAuMA](https://plataforma.seeg.eco.br/?highlight=states-net-emissions-by-sector-goias&_gl=1*1q8xg6x*_ga*MTE4MTgxMjkyNS4xNzI3NTMzMzg0*_ga_XZWSWEJDWQ*MTczODUyMjYyOS44LjEuMTczODUyMjk2MS4wLjAuMA). Acesso em: 2 fev. 2025.

SILVA, Carlos Henrique Rubens Tomé. **Rio+ 20**: Avaliação preliminar de resultados e perspectivas da conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável. In: Brasil. Recuperado de <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/temas-e-agendas-para-o-desenvolvimento-sustentavel/rio-20-avaliacao-preliminar-de-resultados-e-perspectivas-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvim>. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/temas-e-agendas-para-o-desenvolvimento-sustentavel/rio-20-avaliacao-preliminar-de-resultados-e-perspectivas-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA, Natanael de Jesus; OLIVEIRA-JÚNIOR, Adelson Alves de; RAPOSO, Oscar Felipe Falcão; SILVA, Danielle Goés da; MENDES-NETTO, Raquel Simões; BARBOSA, Kiriaque

Barra Ferreira. Frequency of healthy eating habits among students of a public university in northeastern Brazil. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 2, p. 227-234, 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/4275/pdf>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SILVA, Sandra Cristina Gomes; PINHO, João Pedro; BORGES, Cátia; SANTOS, Cristina Teixeira; SANTOS, Alejandro; GRAÇA, Pedro. **Linhas de orientação para uma alimentação vegetariana saudável**. Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável, Direção-Geral da Saúde, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp2020/wp-content/uploads/2020/01/Linhas-de-Orienta%C3%A7%C3%A3o-para-uma-Alimenta%C3%A7%C3%A3o-Vegetariana-Saud%C3%A1vel.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2008. ISBN 978-85-363-1043-5.

SVB - SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Estatuto da Sociedade Vegetariana Brasileira**. Disponível em: <https://svb.org.br/a-svb/estatuto/#:~:text=Par%C3%A1grafo%201%C2%BA%20%E2%80%93%20Qualquer%20pessoa%20pode>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SVB - SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil**. 2022. IBOPE, 2018. Disponível em: <https://svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2024.

SVB - SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **São diversos os motivos que levam os indivíduos a se tornarem vegetarianos**. São Paulo, SP. Disponível em: <https://svb.org.br/vegetarianismo-e-veganismo/o-que-e/>. Acesso em: 20 set. 2024.

United Nations Environment Programme (2024). **Emissions Gap Report 2024: No more hot air ... please! With a massive gap between rhetoric and reality, countries draft new climate commitments**. Nairobi. <https://doi.org/10.59117/20.500.11822/46404>. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/resources/relatorio-sobre-lacuna-de-emissoes-2024>. Acesso em: 2 fev. 2025.

VALVERDE, Sebastiao Renato; MAFRA, Josiane Wendt Antunes; MIRANDA, Marcos Antônio da; SOUZA, Cássia Silva; VASCONCELOS, Diego Campos. **Silvicultura brasileira: oportunidades e desafios da economia verde**. 2012. Disponível em: [https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/14985/1/Silvicultura%20brasileira\\_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/14985/1/Silvicultura%20brasileira_P.pdf). Acesso em: 10 fev. 2025.

**APÊNDICE A – PERGUNTAS DO FORMULÁRIO SEMI ESTRUTURADO**

<b>Perguntas</b>
1 - Qual a sua idade?
<input type="checkbox"/> Menos de 20 anos
<input type="checkbox"/> 20 a 30 anos
<input type="checkbox"/> 31 a 40 anos
<input type="checkbox"/> 41 a 50 anos
<input type="checkbox"/> Acima de 50 anos
2 - Qual o seu gênero?
<input type="checkbox"/> Masculino
<input type="checkbox"/> Feminino
<input type="checkbox"/> Prefiro não informar
<input type="checkbox"/> Outro: Espaço para responder
3 - Qual o seu curso de graduação?
<input type="checkbox"/> Administração
<input type="checkbox"/> Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia
<input type="checkbox"/> Ciências Econômicas
<input type="checkbox"/> Comunicação Social
<input type="checkbox"/> Design
<input type="checkbox"/> Engenharia Civil
<input type="checkbox"/> Engenharia de Produção
<input type="checkbox"/> Física - Licenciatura
<input type="checkbox"/> Intercultural Indígena

Matemática - Licenciatura

Medicina

Pedagogia - Licenciatura

Química - Licenciatura

4 - Qual dieta você segue?

Vegetariana

Vegana

Onívora

Outro: Espaço para responder

5 - Há algum motivo específico que te leva a escolher a sua dieta atual?

6 - Você acredita que existe alguma relação entre dietas vegetarianas e sustentabilidade?

7 - Você acredita que dietas vegetarianas podem contribuir para a redução da pegada de carbono e de impactos ambientais?

8 - Você já teve contato com informações sobre a pegada de carbono dos alimentos de origem vegetal e animal? Se sim, isso influenciou seus comportamentos alimentares?

9 - Você acredita que a universidade é um espaço que promove discussões sobre sustentabilidade? Especificamente sobre impactos ambientais dos hábitos alimentares?

10 - Você percebe essas discussões no seu curso ou grupo social? Você acredita que a existência ou a falta dessas discussões afetam sua percepção?

## APÊNDICE B – TRECHOS DAS RESPOSTAS E CATEGORIAS

Trechos	Categorias
<p>“A cultura que nascemos nos induz a essa dieta e levamos isso a diante depois que crescemos e pra ser sincero nem sei bem o motivo disto. Por gosto ou por simplesmente costume talvez...”</p>	<p>Motivações das Escolhas Alimentares</p>
<p>“Então, segui a dieta por três anos seguidos e os motivos era a causa animal, ter uma alimentação mais saudável [...] e o outro motivo era um planeta mais sustentável.”</p>	<p>Motivações das Escolhas Alimentares</p>
<p>“Muitas cidades não oferecem recursos para manter uma dieta vegetariana/vegana e, quando oferecem, muitas pessoas não possuem condições financeiras para manter esse tipo de dieta [...]”</p>	<p>Motivações das Escolhas Alimentares</p>
<p>“Entendo que a manutenção da produção de alguns tipos de carne (em especial bovina) causa alguns efeitos negativos na natureza, como maior emissão de gases do efeito estufa e, indiretamente, desmatamento, entre outras coisas.”</p>	<p>Conhecimento Ambiental</p>
<p>“Depende. Se partirmos do princípio que o objetivo da produção de alimentos vegetarianos/veganos seja apenas o lucro, a utilização de grandes áreas de cultivo/criação, fertilizantes e agrotóxicos pode, talvez, não gerar uma grande diferença entre uma escolha e outra, já que o impacto remediado seria "apenas" (é bastante significativo) o da emissão de gases estufa pelos rebanhos de gado, mas de outras outras áreas como a produção de ovos, leite, etc e etc ainda seria enorme, já que iria ter que suprir a ausência da parcela carnívora da dieta onívora da população. Então...actedito que depende muito mais dos objetivos para os quais a produção de alimentos é realizada (alimentação vs geração de riqueza) do que qual dieta tenha menos impacto, pois para este segundo</p>	<p>Conhecimento Ambiental</p>

<p>ponto a resposta é muito simples, sim, mas não depende somente dessa questão. Enfim.”</p>	
<p>“Acho que a universidade em algum grau promove discussões sobre sustentabilidade em alguns âmbitos, principalmente na produção industrial, muito lixo plásticos, poluição do meio ambiente, e afins, mas não creio que especificamente no de hábitos alimentares, digo isso pois nunca vi nada sobre na minha universidade, não sei se foi por falta de interesse ou se realmente não tem mesmo.”</p>	<p>Discussão na Universidade</p>
<p>“Não, nunca tive acesso a esse tipo de debate nem no meu curso nem na universidade. Porém, acredito na importância dessa discussão dentro deste ambiente educacional e de escutas ativas e construtivas.”</p>	<p>Discussão na Universidade</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)